

A

REVISTA DE COMERCIO E CONTABILIDADE



LLSBOA

1926
N. 4

REVISTA DE COMERCIO E CONTABILIDADE

DIRECTOR, ADMINISTRADOR E EDITOR: FRANCISCO CAETANO DIAS

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA REVISTA DE COMERCIO

Redacção e Administração (provisórias): Rua Coelho da Rocha, 16, 1.º — LISBOA

SUMÁRIO DO N.º 4 (ABRIL 1926): Inventario Permanente. — Organisar. — Contabilidade: Problemas de Lançamentos (Solução III). — A Avaliação das Mercadorias no Inventario (Duas Opiniões) — O Arquivo de Correspondência. — Curso Prático de Escrituração Comercial (II).

SAI NO DIA 25 DO MEZ A QUE DIZ RESPEITO.

Numero avulso: Esc. 3\$00; Assinatura (por 6 numeros): Esc. 15\$00.

(Para as Colonias e Estrangeiro acresce, em ambos os casos, o porte).

COMPOSTA E IMPRESSA NA IMPRENSA BELEZA — RUA DA ROSA, 99 A 107 — LISBOA

SCIENCIA E INDUSTRIA

REVISTA MENSAL DE VULGARISAÇÃO SCIENTIFICA
E DE ENSINO TÉCNICO

A UNICA REVISTA TÉCNICA PORTUGUEZA AO ALCANCE DE
TODOS E A TODOS INTERESSANDO

ASSINATURAS

3 mezes	10\$50
6 mezes	21\$00
12 mezes	42\$00

Toda a correspondencia relativa á Redacção e Administração
deve ser dirigida para

Rua do Poço dos Negros, 174, 3.º

LISBOA



*NÃO DEVE HESITAR, MEU AMIGO.
A ÚNICA CASA QUE LHE PODE FAZER A MON-
TAGEM E ORGANIZAÇÃO COMPLETA DO SEU ESCRI-
TORIO É*

THE MODERN OFFICE, LTD.

SÉDE

RUA DO ALECRIM, 107-109

TELEPH. T. 66

FILIAL

RUA DOS RETROZEIROS, 58

TELEPH. C. 1020

LISBOA

AS
TINTAS



E N I L



SÃO AS MELHORES

EMPRESA NACIONAL DE INDUSTRIAS L.^{DA}

FABRICAS / CACEM / PORTUGAL

INVENTARIO PERMANENTE



OS CONTABILISTAS modernos preconizam o emprego do Inventario Permanente para amiudadamente determinar, por meio das contas, a existência de valores, os resultados das transacções, á maneira que se realisam.

É reprovado o processo geralmente seguido de contabilisar as operações de compra e venda sem atender aos seus resultados e efeitos sobre o Inventario, por não estar de harmonia com os objectivos da contabilidade, que, sendo uma sciencia exacta, deve determinar a todos os momentos a situação dos valores em que se decompõe o capital.

Os primeiros trabalhos para determinar por meio das contas a situação, activo e passivo duma empresa sem recorrer ao inventario material foi de Queulin, que em 1840 a denominou de Inventario Perpetuo, sendo depois o assunto tratado por varios contabilistas, entre os quais se notabilisaram Léautey e Guilbault pela defeza que fizeram da adopção do processo que denominaram Inventario Permanente. É esta a designação por que esse processo é mais conhecido, apesar de haver outros nomes — como Inventario Estatistico — que lhe dão outros contabilistas.

A permanencia do Inventario foi considerada como um progresso da contabilidade, e porisso o Congresso Internacional de Contabilidade, realiado em Paris em 1889, resolveu convidar todos os contabilistas a applicá-la na sua contabilidade, sempre que as dificuldades para a sua applicação pudessem ser removidas e as despezas que a mais se fizessem fôssem compensadas pelos resultados colhidos.

No comercio a retalho e na pequena industria é considerada como quasi impossivel a applicação da permanencia do Inventario, e as despezas que acarretaria não seriam compensadas pelos beneficios que pudesse dar.

Na grande industria e no comercio por atacado é que a applicação dêste

processo se impõe pelas incomparáveis vantagens que traz, para o industrial e comerciante, de poder acompanhar sucessivamente todas as transformações e resultados das transacções, o que no processo antigo só se pode fazer no fim do ano, quando se dá balanço.

Este processo aplica-se a todas as contas de valores, tais como mercadorias gerais, materias primas, productos naturais ou manufacturados...

Para a descripção dêste processo empregaremos a conta de mercadorias gerais, á qual applicaremos os dois processos, para a devida comparação.

O processo antigo de contabilisar a conta de mercadorias gerais sem ter em vista os efeitos sobre o Inventario consiste, como é sabido, em debitar pelo preço de custo as mercadorias entradas e todas as despesas que ocasionam, e a creditar pela saída pelo preço de venda.

O saldo duma conta assim contabilisada não representa o valor das mercadorias existentes em armazem, nem o lucro ou prejuizo, e apenas pode representar o debito, o valor das mercadorias entradas com despesas proprias; e o credito, o valor das mercadorias vendidas. Não representando o saldo nada, o comerciante ou industrial desconhece o resultado das operações que efectua e bem assim o valor das existencias em armazem, que só pode saber quando faz o inventario material, em que obtem o valor das existencias; e pela comparação dêste Inventario com os saldos das contas do Razão é que obtem os resultados.

Este inventario é geralmente feito anualmente, não só para dar cumprimento á disposição da lei comercial que obriga o comerciante a dar esse balanço, como ainda por ser moroso e tornar necessario que se paralistem as transacções ou a laboração das oficinas durante alguns dias, o que faz com que raramente seja conveniente fazê-lo em periodos mais curtos.

Não parece portanto que este processo seja vantajoso para o comerciante ou industrial, que, para conhecer a situação da sua casa, tenha que recorrer ao inventario material e estar portanto um largo periodo sem conhecer os resultados das suas transacções.

O processo do Inventario Permanente tem em vista aplicar as regras de contabilidade do funcionamento das contas de valores igualmente por todas, de forma que o saldo mostre sempre o valor real das existencias segundo o preço de custo.

Estas regras já se applicam ás contas de letras quando são em moeda



estrangeira, em que, para o saldo representar o valor das letras em carteira ou aceites, se levam a uma conta de resultados as diferenças de cambio.

Assim, para que nas contas de valores, como Mercadorias Gerais, o saldo represente o valor da existencia em armazem, se separa o preço do custo do da venda, levando a diferença destes preços a uma conta de resultados de vendas.

Supondo, por exemplo, que se tinham comprado 2.000 metros de setim a 7\$00, e vendido 1.500 metros a 8\$00, os lançamentos de venda são :

Caixa

a Mercadorias Gerais :

Pela venda de 1.500 metros de setim a 8\$00..... 12.000\$00.

Mercadorias Gerais

a Resultados de Vendas:

Pelo lucro da venda de 1.500 metros de setim... 1.500\$00.

Por estes lançamentos se observa que a conta de Mercadorias Gerais apresenta um saldo devedor que é o valor da existencia segundo o preço de entrada, e a conta de Resultados de Vendas um saldo credor que é o lucro da transacção.

Muitos contabilistas acham que na pratica se torna muito difficil contabilisar desta maneira as operações de mercadorias, pela impossibilidade de determinar o preço médio do custo, e, dada a grande diversidade de mercadorias, de separar os preços de entrada dos de sahida á proporção que se vão efectuando as transacções.

Quanto ao preço medio costumamos determiná-lo, quando não é exacto duma forma diferente da como é geralmente obtido, por esta ter inconvenientes, como se observa no exemplo seguinte.

Supondo as seguintes compras de arroz :

3.500	kgs.	ao preço de	2\$00	7.000\$00
1.200	>	>	>	2\$10
2.500	>	>	>	2\$05
		Despezas		<u>235\$50</u>
<u>7.200</u>			Total.....	14.880\$50

ou seja, por kilograma, 2\$06,8125.

Porém geralmente, para facilidade dos calculos, arredonda-se este preço; e seria, neste caso, o preço medio 2\$07.

Este preço medio, multiplicado por 7.200 kgs., daria 14.904\$00, isto é, mais 23\$50 do que o saldo real do valor do arroz em armazem, pelo que, para acertar aquêlê saldo, seria necessario lançar a referida diferença a debito; mas para isso deveria tambem ser creditada outra conta, que, sendo a de Lucros e Perdas, representava um lucro que realmente não houve.

Para obviar a este inconveniente, não costumamos nunca arredondar o preço medio quando não seja exacto. Damos ao valor da existencia dois preços — um o preço achado, aumentado de uma unidade, para o resto da divisão; outro o preço achado para a diferença entre o resto da divisão e a quantidade existente.

Assim, no exemplo referido, a divisão dá de resto 4.850 e de quociente 2.06; os dois preços são:

4.850 a 2\$07	10.039\$50
2.350 a 2\$06	4.841\$00
<u>7.200</u>	<u>total 14.880\$50</u>

Parece-nos portanto, que o preço medio assim determinado representa o melhor processo, pois com uma grande variedade de artigos as diferenças seriam muito grandes, o que iria prejudicar a exactidão dos resultados das operações de compra e venda.

A separação dos preços de entrada dos de venda na ocasião da transacção é quasi sempre impossivel e pouco prática, pelo que se faz por períodos geralmente mensais.

A separação pode realizar-se em cada especie de artigo, ou em globo.

Em qualquer dos casos é necessario ter um livro auxiliar onde se abrem tantas contas quantas forem as variedades de artigos; este livro pode deixar de ser encadernado, e é mesmo preferivel que seja em fichas ou folhas moveis, cujo emprego em contabilidade já foi descrito a pag. 65-73 desta Revista.

Cada conta que regista o movimento de cada variedade de mercadorias pode ser dos modelos *A* e *B*.

Quando a separação do preço de custo do de venda é feita por especie de mercadoria, a conta é creditada pelo preço de venda, e, no fim do mez, ao passar a existencia ao mez seguinte, tira-se o lucro ou prejuizo como se verifica no modelo *B*.

Numa relação menciona-se o lucro ou prejuizo que deu cada especie de artigos, e o total dos lucros ou prejuizos é lançado á conta de Resultados de Vendas em contra-partida com a conta de Mercadorias Gerais.

Quando a separação dos preços de entrada dos de venda é feita em globo, isto é, no total das importancias do custo e de venda, a conta de cada variedade de mercadoria é creditada apenas pelas quantidades saídas, e mensalmente ao total dessas quantidades dá-se o preço medio de custo. Relacionam-se as mercadorias vendidas segundo o preço de entrada, e a diferença entre o total desta relação e o total das vendas, segundo o livro Diario de Vendas a Praso e as vendas a dinheiro contado, é o resultado — lucro ou prejuizo — das vendas durante o mez. Esta diferença é lançada na conta de Resultados de Vendas em contra-partida com a conta de Mercadorias Gerais, para conferencia de saldos entre o livro auxiliar e a conta do Razão.

É desta maneira que temos conseguido obter a permanencia de Inventario, em quantidades existentes, valor dessas existencias segundo o preço de aquisição, e os resultados das transacções; e estamos certos da grande superioridade deste processo sobre o processo antigo.

O contabilista pelo processo antigo não tem elementos para conferir o inventario que lhe entrega o comerciante, e pode muitas vezes esse inventario não representar a verdadeira existencia em armazen, com o fim de mascarar uma situação má; e tambem pode acontecer que o inventario tenha sido organizado com menos cuidado e contenha lapsos com os quais o contabilista não dê. Porisso nas empresas com grandes capitais a não-adopção do Inventario Permanente é uma falta consideravel; a propria legislação commercial devia determinar a obrigatoriedade da sua aplicação, responsabilizando os contabilistas ou guarda-livros pela sua falta, como tambem pela á regularidade e obediencia aos principios de contabilidade.

(Modelo)

(A)

102

BARRO

ENTRADA

SAIDA

Data	Proveniencia	Quantidade	Preço	Importancia	Inventario Permanente		Data	Destino	Quantidade	Preço	Importancia	
					Preço medio	Quant.						
1926							1926					
Abril	3	Da pedreira de Santos — guia n.º 221	40m ³	36\$00	1.440\$00	36\$00	30m ³	5	Para fabrico— guia n.º 12.....	10m ³	36\$00	360\$00
						"	15	9	Idem, idem, n.º 19.....	15	"	540\$00
						"	5	12	Idem, idem, n.º 24.....	10	"	360\$00
	15	Da pedreira de Arroios — guia n.º 150... ..	36	35\$00	1.260\$00	8×35\$13		30	Idem, idem, n.º 32.....	18	8×35\$13	632\$24
						33×35\$12	41		Soma.....	53		1.892\$24
						35\$12	23		Existencia...	23	35\$12	807\$76
		Total.....	76	—\$—	2.700\$00	35\$12	23		Total	76		2.700\$00
Maio	1	Existencia	23	35\$12	807\$76							

(Modelo)

(B)

AZULEJO LISO BRANCO

ENTRADA

SAIDA

Data		Proveniencia	Quantidade	Preço	Importancia	Data		Destino	Quantidade	Preço	Importancia
1926						1926					
Abril	8	Manufatura n.º 63...	5.000	\$35	1.750\$00	Abril	10	Vendido a Gomes Ld. ^a n/ factura n.º 98 ...	2.000	\$45	900\$00
	12	> > 70...	3.000	\$33	990\$00		12	Vendido a Costa & C. ^a n/ factura n.º 105 ...	2.500	\$44	1.100\$00
	18	> > 76...	3.500	\$34	1.190\$00		30	Partidos.....	40	\$35	14\$00
		<i>Lucro</i>			470\$00					1.960×\$35	
								Existencia.....	6.960	5.000×\$34	2.386\$00
			11.500	—\$—	4.400\$00				11.500	—\$—	4.400\$00
Maio	1	Existencia	6.960	1.960×\$35 5.000×\$34	2.386\$00						

ORGANISAR

AS PALAVRAS «organisar», «organisação» e «organizador» pode dizer-se que constituem o estribilho teórico da nossa época. E, se o são em quasi todas as matérias, sobretudo o são em matéria comercial e industrial, em virtude da reacção, que presentemente se revela em toda a parte, contra a feição um pouco casual, um pouco dispersa, que tiveram o commercio e a industria no seculo passado.

Interessa portanto saber o que é organisar. Referimo-nos a organisar no sentido completo e abstracto: o que é organisar *qualquer coisa*, e não especialmente um commercio ou uma indústria, uma fábrica ou um escritorio? Sabido, e sabido bem, o que organisar significa em geral, saber-se-há implicitamente o que é organisar determinada coisa em especial, bastando que se apliquem os principios gerais a êste ou àquêle caso particular.

A palavra «organisar» deriva-se do termo «orgão», e é aparentada com o termo «organismo». Organisar é, pois, fazer de qualquer coisa uma entidade que se assemelhe a um organismo, e como êle funcione.

Temos, pois, que definir, primeiro, em que consiste um organismo. O termo é biológico, e aplica-se àquêles entes vivos em que se dá determinada complexidade de estrutura, e uma concomitante complexidade de funções. Um organismo vital complexo formou-se, no decurso do que se chama «evolução», por o que os biologistas denominam «diferenciação», isto é, a formação — lenta e confusa no tempo, definida nos seus resultados ultimos — de orgãos especiais, cada um para uma função especial, e concorrendo todos, cada um a dentro da sua função, para a manutenção da vida do organismo em seu conjunto.

Quanto mais alto o organismo na escala evolutiva, mais complexos os

seus órgãos, mais diferenciados; e, quanto mais diferenciados êsses órgãos, menos capaz é cada um dêles de exercer a função que compete a outro. O fígado, órgão definido do organismo, não pode substituir o baço nas suas funções. O pulmão não pode substituir o estomago, nem o estomago o pulmão. Nos entes vivos inferiores, e indiferenciados, a mesma estrutura faz as funções de estomago e de pulmão; ou, em melhores palavras, por não haver ainda estomago nem pulmão, as funções, que mais tarde competirão a êstes, encontram-se, naquêle estado rudimentar da vida, concentradas indefinidamente numa só substancia.

Um organismo é, pois, uma entidade viva em que diferentes funções são desempenhadas por órgãos diferentes, incapazes de se substituírem entre si, e concorrendo todos, na sua entre-acção e acção de conjunto, para a manutenção e defeza da vida do conjunto do organismo, ou do organismo como conjunto.

Organisar é tornar uma coisa semelhante a um organismo. E' fazer dessa coisa um conjunto dividido em partes componentes, a cada uma das quais compete uma função especial, distinta das outras, e concorrendo todas, cada uma pelo exercicio da sua função, para a cohesão e vitalidade do conjunto.

Há, pois, que ter presentes, em toda a organização, trez principios fundamentais: (1) o conjunto deve ser dividido no numero de elementos, ou órgãos, que é preciso, e nem em mais, nem em menos, que êsses; (2) cada elemento, ou órgão, do conjunto tem que ter uma função absolutamente distinta da de qualquer outro elemento, e relacionada com a função dêsse outro apenas pela circumstancia do comum concurso para o funcionamento do conjunto; (3) a dentro de cada elemento ou órgão do conjunto se observará a mesma distinção de funções que se estabeleceu para o proprio conjunto, visto que cada elemento ou órgão, por distinto e diferenciado, é um conjunto em si mesmo.

Todas estas observações são necessariamente abstractas; abstractas, porém, são as coisas essenciais, e a propria compreensão de qualquer coisa é uma abstracção.

Organisar é, essencialmente, um fenómeno intelectual. Ha muitas coisas que se executam por palpito, imensas que se fazem empiricamente, pelo habito e a experiencia. Mas a organização estavel, ou seja a organização propriamente dita, é um trabalho de inteligencia. E o que tem a inteligencia que fazer para organizar?

Cinjam-nos aos princípios já assentes. O organisador tem, primeiro, que dividir o conjunto a formar nos seus elementos *necessarios*. Tem, depois que determinar as relações entre êsses elementos. Esboça depois — repare-se bem que apenas esboça — a a divisão de funções a dentro de cada elemento. E esboça só, porque o chefe de organização estabelece um plano geral, em linhas gerais, o que — entenda-se bem — não quer dizer linhas indefinidas; deve deixar a cada chefe de elemento a divisão dos serviços a dentro do elemento que lhe compete. E porque apenas esboça o chefe de organização a orientação particular de cada chefe de elemento? Porque defini-la seria substituir-se a êsse chefe de elemento a dentro do proprio elemento, seria negar a existencia de um cargo que estabeleceu; seria, em fim, afastar-se do proprio principio da organização. E êsse principio — bem é notá-lo — é êste: *organisam-se organizações de modo a organizar tambem organisadores*. Cada chefe de elemento tem que ser, a dentro do elemento de que é chefe, uma reprodução ou imagem do chefe de organização.

Assim como o organismo delega, por assim dizer, uma função em determinado órgão, assim o chefe de organização delega determinada função em determinado chefe de elemento. Ora delegar uma função é entregá-la a outrem, tornando-se quem a entrega, por assim dizer, voluntariamente incompetente para o seu exercicio. E é êste o segredo de toda a organização eficaz: *ha hierarquia de cargos, não ha hierarquia de funções*.

Um organismo artificial difere de um organismo natural, em primeiro lugar, em ser remodelavel como conjunto, e substituíveis as suas partes componentes, mesmo as mais importantes. O organismo natural não é remodelavel, nem podem as suas partes fundamentais ser substituídas; e isto porque o organismo natural tem o que se chama vida, e do organismo artificial só por metáfora, ou em linguagem translata, se pode dizer que a tem. Desta particularidade do organismo artificial, em contradistinção do natural, se derivam consequencias práticas importantes.

A experiencia ensina que a vida é uma coisa flutuante e incerta, cheia, por mais que busquemos prevêr, de surpresas e contingencias imprevisíveis — imprevisíveis, sem duvida, porque procedem de leis que ignoramos, e, provavelmente, em grande parte, ignoraremos sempre. Todo o pensador de sistemas fixos, todo o organisador de conjuntos definidos, sofre fatalmente desilusões, quando não desastres. Em toda a organização prática há pois que contar com o inesperado e indefinido da vida. E o facto de que o organismo artificial é remodelavel, e substituíveis todas as suas peças, torna

possível, até certo ponto, a preparação para o inesperado, digamos mesmo a previsão do imprevisível.

Como se faz essa preparação? Partindo, no tempo, do indefinido para o definido. O organizador de um conjunto deve começar por traçar a organização exclusivamente em linhas gerais, e de organizar no principio só a rede dos serviços essenciais. Feito isto, põe-se o organismo em marcha; e do contacto com a prática, com os acidentes e contingencias da realidade da vida, se vai dando a «definição» do conjunto, se vai enchendo o simples contorno inicial, se vão estabelendo e concatenando os órgãos e sub-órgãos do todo. Criada, assim, em suas linhas gerais pela intelligencia —cuja função natural é precisamente o abstrato e o geral—, determinada depois nas suas linhas particulares pela experiencia que adquire em marcha — isto é, pela propria vida —, a organização consegue ser organização sem ser rigida; é complexa e maleavel ao mesmo tempo, porque a vida, ao dar-lhe a complexidade que ela precisava como organização, deu-lhe ao mesmo tempo a maleabilidade da propria vida.

Todos os organizadores chamados «de gabinete» pecam, sem excepção, pela delineação de organismos estudados e escritos até ao ultimo detalhe. Quanto mais inteligentes são, pior sá a obra praticamente, porisso mesmo que sá melhor intellectualmente, e portanto só intellectual. Não contam com o que a realidade é de flutuante e de incerto. Aplicam á elaboração do que pensam que há de ser uma realidade o processo pelo qual legitimamente se confeccionam os sistemas filosoficos, os poemas épicos e os romances policiaes.

Ha uma segunda diferença, tambem importantissima nos seus resultados, entre o organismo artificial e o natural. No organismo natural o sistema hierarquico é simples: o «chefe» é um único — o sistema nervoso —, e os órgãos subordinados cooperam em igualdade, sem entre êles haver hierarquia. Não é assim nunca nos organismos artificiaes. Nêstes pode haver por vezes — muitas vezes *tem* que haver — uma hierarquia complexa e definida. Mas o que há sempre é *chefes de elementos*, ainda que, como por exemplo num escritorio pequeno, o chefe seja apenas chefe de si mesmo, por não ser necessario mais ninguem na secção; mas nessa secção êle é efectivamente chefe, porque ser chefe não é só mandar em alguem, mas tambem mandar em uma coisa; e ter a seu cargo a organização de um serviço, ainda que se possa desempenhá-lo sem auxilio, é ser chefe dêsse serviço.

Resulta desta circumstancia que o chefe de elemento é duas coisas ao

mesmo tempo: é o tecnico dêsse elemento, e é o chefe dêle; é, cumulativamente, um prático e um organizador. Assim, adquirindo no exercicio da chefia de um elemento, não só o intimo conhecimento dêsse elemento (que naturalmente já possuia, para que ali fôsse posto), mas o *intimo conhecimento de chefia*, êsse chefe pôde ir subindo na hierarquia das chefias até á suprema direcção da organização inteira.

Todo o verdadeiro organizador deve fazer do organismo artificial que estabelece, não só uma organização adequada aos fins que vise, mas uma escola de chefes, um campo de treino de organizadores.

Não é outro o grande segredo dos grandes organizadores americanos.



Muita gente fala de comercio como se êle fôsse só um. Na realidade, não ha comercio: ha comercios. No exercicio de um empregam-se qualidades diferentes do que no exercicio de outro. Há, é certo, principios e preceitos comuns a todos os generos de comercio. Êsses, porém, são abstratos e gerais, e aplicam-se tambem a outras colectividades, não comerciais, que implicam o serviço do público.

Nos países de grande desenvolvimento comercial, e onde, portanto, cada espécie de comercio se especializou definitivamente, há diferenças até de mentalidade entre os comerciantes de uma espécie e os comerciantes de outra espécie. O comercio comissionário implica o uso de faculdades diversas daquêlas que entram em campo no comercio de conta propria. A mentalidade do grande exportador (empregando «grande» no sentido de competencia, e não propriamente de vulto das transacções) difere da mentalidade do grande importador. A tecnica do comercio interno aparta-se por vezes extraordinariamente da do comercio externo.

Êste principio deve ter-se presente, não só para fins de organização, mas tambem para fins de se tratar competentemente com os chefes de casas comerciais de países que atingiram uma especialização mercantil definida.

CONTABILIDADE

PROBLEMAS DE LANÇAMENTOS

SOLUÇÃO III – Pag. 82

Lançamentos de abertura e liquidação duma sociedade por cotas

ABERTURA

Lisboa, ... de de 19...

<i>Cotas</i>	175.000\$00
<i>a Capital</i>	
Pelo valor do capital com que se constituiu a sociedade por cotas, sob a denominação <i>Gomes dos Santos, L.^{da}</i> , conforme escritura social de... de... de 19..., lavrada nas notas do notario F... desta cidade	
	175.000\$00
<hr/>	
<i>Diversos</i>	
<i>a Cotas</i>	175.000\$00
Pelo valor das cotas de cada um dos socios:	
<i>Julio Gomes dos Santos</i>	60.000\$00
<i>Manuel Matos da Costa</i>	50.000\$00
<i>Carlos Rodrigues</i>	40.000\$00
<i>Antonio Pedro Lemos</i>	25.000\$00
<hr/>	

<i>Diversos</i>	
<i>a Julio Gomes dos Santos</i>	60.000\$00
Pela s/ entrega dos seguintes valores respeitantes á sua cota:	
<i>Caixa</i>	4.500\$00
<i>Mercadorias Gerais</i>	50.000\$00
<i>Moveis e Utensilios</i>	5.500\$00

<i>Caixa</i>	115.000\$00
<i>a Diversos</i>	
Pelos recebimentos das importancias relativas ás cotas dos seguintes socios:	
<i>a Manuel Matos da Costa</i>	50.000\$00
<i>a Carlos Rodrigues</i>	40.000\$00
<i>a Antonio Pedro Lemos</i>	25.000\$00

ANTES DA LIQUIDAÇÃO:

<i>Lucros e Perdas</i>	51.560\$00
<i>a Diversos</i>	
Pelos saldos das seguintes contas:	
<i>a Diversas Despesas</i>	33.560\$00
<i>a Juros e Descontos</i>	18.000\$00

<i>Mercadorias Gerais</i>	5.385\$50
<i>a Lucros e Perdas</i>	
Pelo lucro resultante das vendas.....	5.385\$50

Apresentando a conta de Lucros e Perdas um saldo devedor de 46.174\$50, é este prejuizo, nos termos da escritura social, dividido proporcionalmente ao capital de cada socio e levado a seu debito.

Pela regra de companhia simples, se acha o prejuizo de cada socio, assim:

$$\begin{aligned} \text{Socio Santos} & - 175.000\$00 : 46.174\$50 :: 60.000\$00 : x \\ & x = 15.831\$26 \end{aligned}$$

$$\begin{aligned} \text{Socio Costa} & - 175.000\$00 : 46.174\$50 :: 50.000\$00 : y \\ & y = 13.192\$71 \end{aligned}$$

$$\begin{aligned} \text{Socio Rodrigues} & - 175.000\$00 : 46.174\$50 :: 40.000\$00 : z \\ & z = 10.554\$17 \end{aligned}$$

$$\begin{aligned} \text{Socio Lemos} & - 175.000\$00 : 46.174\$50 :: 25.000\$00 : w \\ & w = 6.596\$36 \end{aligned}$$

donde o lançamento:

<i>Diversos</i>	
<i>a Lucros e Perdas</i>	46.174\$50
Pela parte dos prejuizos que cabem a cada socio:	
<i>Julio Gomes dos Santos</i>	15.831\$26
<i>Manuel Matos da Costa</i>	13.192\$71
<i>Carlos Rodrigues</i>	10.554\$17
<i>Antonio Pedro Lemos</i>	6.596\$36

DURANTE A LIQUIDAÇÃO:

<i>Liquidação</i>	160.524\$50
<i>a Diversos</i>	
Pelas seguintes transacções:	

REVISTA DE COMERCIO E CONTABILIDADE

<i>a Caixa</i>	
Saldo desta conta que se transfere ...	850\$50
<i>a Mercadorias Gerais</i>	
Venda das mercadorias com o des- conto de 10%.....	119.110\$50
<i>a Moveis e Utensilios</i>	5.918\$50
<i>a Trespasse</i>	20.000\$00
<i>a Letras a receber</i>	3.150\$00
<i>a Devedores Gerais</i>	7.695\$00
<i>a Depósitos á Ordem</i>	3.800\$00
<hr/>	
<i>Diversos</i>	
<i>a Liquidação</i>	53.795\$00
Pelas seguintes transacções:	
<i>Credores Gerais</i>	
Pago a diversos com o desconto de 5%	14.250\$00
<i>Letras a Pagar</i>	36.000\$00
<i>Despesas da Liquidação</i>	3.545\$00
<hr/>	
<i>Lucros e Perdas</i>	22.846\$00
<i>a Diversos</i>	
Pelos prejuizos das seguintes contas:	
<i>a Mercadorias Gerais</i>	13.234\$50
<i>a Moveis e Utensilios</i>	311\$50
<i>a Trespasse</i>	5.000\$00
<i>a Devedores Gerais</i>	405\$00
<i>a Letras a Receber</i>	350\$00
<i>a Despesas da Liquidação</i>	3.545\$00
<hr/>	
<i>Credores Gerais</i>	750\$00
<i>a Lucros e Perdas</i>	
Pelo lucro.....	750\$00
<hr/>	

REVISTA DE COMERCIO E CONTABILIDADE

<i>Diversos</i>	
<i>a Lucros e Perdas</i>	22.096\$00
Pelos prejuizos	
<i>Julio Gomes dos Santos</i>	7.575\$77
<i>Manuel Matos da Costa</i>	6.313\$14
<i>Carlos Rodrigues</i>	5.050\$51
<i>Antonio Pedro Lemos</i>	3.156\$58

<i>Capital</i>	175.000\$00
<i>a Diversos</i>	
Pelo valor das cotas dos socios:	
<i>a Julio Gomes dos Santos</i>	60.000\$00
<i>a Manuel Matos da Costa</i>	50.000\$00
<i>a Carlos Rodrigues</i>	40.000\$00
<i>a Antonio Pedro Lemos</i>	20.000\$00

<i>Diversos</i>	
<i>a Liquidação</i>	106.729\$50
Pelo valor do capital liquido retirado pelos socios:	
<i>Julio Gomes dos Santos</i>	36.592\$97
<i>Manuel Matos da Costa</i>	30.494\$15
<i>Carlos Rodrigues</i>	24.395\$32
<i>Antonio Pedro Lemos</i>	15.247\$06

A AVALIAÇÃO DAS MERCADORIAS NO INVENTARIO (DUAS OPINIÕES)

NO ARTIGO, de pag. 15 a 20 desta Revista, em que expuzemos os cinco principais criterios para a avaliação das mercadorias no Inventario, dissemos que muito gostaríamos de receber opiniões, devidamente fundamentadas, sobre qual dêesses criterios se deveria preferir.

Corresponderam ao nosso pedido bastantes leitores. O curto espaço de que dispomos não nos permite publicar nem mesmo uma terça parte das opiniões recebidas. Mas, como se dá o caso de a maioria das opiniões mais interessantes serem concordes em optar pelo processo numerado 3 no nosso artigo, escolhemos primeiro, de entre essas opiniões, as duas que nos parecem as mais fundamentadas.

Firmam-as o Snr. João Nogueira Rosa, Bacharel em Comercio pela Universidade de Londres, e actualmente no Banco Otomano, de Constantinopla, e o Sr. Carlos José Guerra, guarda-livros na Caixa Geral de Depósitos, no Funchal.

Constantinopla, 15 de Março de 1926.

...Sr. Director da *Revista de Comercio e Contabilidade*,
Lisboa.

...Sr.

O seu breve mas admiravel estudo do assunto discutidissimo que é a avaliação do Stock na Conta de Ganhos e Perdas, dá azo a certas observações criticas, para as quais tomo a liberdade de chamar a sua atenção.

Adoptarei na minha consideração da materia as cinco categorias que V. especificou, e tratá-las-hei pela mesma ordem por que V. as dispoz.

1.º) A avaliação na base do preço do custo dá azo, como V. observa, a uma deturpação da situação verdadeira. A adopção dêste processo, ainda que tenda para resultados teoricamente exactos, não atende ao perigo resultante das fluctuações do preço do mercado. Quando, como no exemplo que V. deu, a fluctuação é para a alta, a situação indicada na Conta de Ganhos e Perdas, não estando certa, erra todavia no sentido da segurança. Por isso, num mercado em alta, a adopção dêste meio de avaliar poderia ser recomendada, apesar da sua inexactidão.

Quaisquer que sejam, porém, as suas vantagens num mercado em alta, não se pode acentuar demasiado o perigo da avaliação nesta base quando se trate dum mercado em baixa. Ela conduz a apresentar-se uma indicação exagerada da situação nessa altura; e, de facto, se o preço do mercado fôr muito inferior ao de custo, uma avaliação dessa ordem pode até ser considerada uma deturpação fraudulenta (*fraudulent misrepresentation*).

2.º) A desvantagem da avaliação na base do preço do mercado é que em casos em que o preço do mercado seja mais alto que o de custo, se incluem, nos lucros presentes, presumiveis lucros futuros em vendas que ainda se não realizaram. Se êste ponto de vista optimista se pode considerar admissivel no caso do comerciante, não o deve contudo recomendar o contabilista.

Num mercado em baixa êste processo de avaliação é aconselhavel, pois prevê perdas futuras e lhes faz face anticipadamente pelos lucros presentes. Ainda que não represente de um modo teoricamente exacto a situação no exercicio de que se trata, leva a manter os lucros num nivel medio e constante por um certo periodo de tempo — sistema que merece a mais acentuada recomendação.

3.º) Este processo é, a meu vêr, o mais seguro de todos. Concedo que não dá necessariamente uma indicação exacta da situação no exercicio a que se refere; mas penso que uma deturpação que erra no sentido da segurança — não sendo esse erro demasiado — deve ser recomendada por conduzir a um progresso que pode ser lento, mas será seguro.

4.º) Este sistema não pode, na melhor das hipoteses, dar mais que uma ideia aproximada da verdadeira situação. Tem metade das vantagens dos

processos 1 e 2. A meu vêr, êste sistema não é muito atraente, visto que nem dá a situação exacta, nem, como o processo 3, sacrifica a exactidão á segurança.

5o.) A adopção dêste duplo meio de avaliação tem a grande vantagem de dar uma indicação verdadeira do lucro real ganho durante o exercicio de que se trate; e, ainda, o estabelecimento de uma conta de suspensão dá uma indicação:

- a) do lucro previsto (como no caso do seu exemplo), ou
- b) da perda prevista (em casos em que o preço do mercado seja inferior ao preço de custo),

para ser passado para o exercicio seguinte, e ao mesmo tempo reconhece, como no caso (a), que o lucro previsto ainda não foi ganho, e não é, portanto, distribuível.

No caso (a), pois, o emprego dêste processo deve ser recomendado de preferencia áqueles tratados sob os numeros 1 a 4, visto que combina a exactidão e a segurança, e p uco mais trabalho dá. O seu emprego, porém, deve ser restringido ás sociedades por quotas (*private companies*), pois nestas, por via de regra, a gerencia e os proprietarios são uma e a mesma coisa, sendo portanto identicos a prosperidade da empresa e os interêsses particulares dos proprietarios déla.

No caso das sociedades anônimas (*public joint stock companies*), da applicação dêste processo resultam, a meu vêr, certos perigos.

Como é sabido, a preocupação primaria dos accionistas é o pagamento de grandes dividendos. O fim dêles é egoista e de vistas curtas. Pouco lhes interêssa a prosperidade futura da empresa, pois, se éla dêr sinais de declinar, vendem o papel e reempregam o capital em papel mais lucrativo. Estão, portanto, sempre á cata de grandes dividendos; e a esta fraqueza da parte dos accionistas teem os directores de companhias frequentemente o habito de ceder.

Um dividendo, uma vez pago, nunca mais pode ser rehavido; é pois dever da gerencia, em seu calculo dos lucros liquidos, ter presente que se devem fazer certas reservas nos anos bons para se estar preparado para contingencias futuras nos anos maus.

A maneira mais directa de fazer isto é, excusado será dizê-lo, a transferencia de parte dos lucros para um fundo de reserva. Este meio, porém, é por vezes impraticavel, visto que os accionistas teem relutancia em trans-

ferir para um fundo comum parte do que poderia ser considerado como os lucros dêles; e em virtude disto tem a gerencia frequentemente que restringir a sua provisão para perdas futuras.

A unica maneira de estabelecer uma reserva destas (necessidade absoluta, a meu vêr, em toda empresa bem gerida), sem que os accionistas tenham déla conhecimento, é fazer secreta a reserva; e não ha processo mais facil de estabelecer uma reserva secreta do que subvalorisar o stock e outros elementos do Activo.

No caso das sociedades anonimas, aconselharia eu, portanto, o emprego do processo 3, que dá uma indicação *segura*, se bem que menos exacta, da situação.

No caso (b), isto é, quando o preço de custo é mais alto que o do mercado, ficamos com um saldo na conta de suspensão que representa uma perda prevista. Em casos dêesses inclinar-me-hia, em vez de passar êste encargo para o exercicio seguinte, a fazer-lhe face por inteiro por meio dos lucros correntes, como no processo 3, ou pelo menos parcialmente, como no processo 4.

Seria pois de aconselhar, em casos dêstes, a adopção do processo 3, tanto nas sociedades por quotas como nas anonimas, de preferencia a êste processo.

Resumindo: Sou a favôr do processo 3 — a avaliação pelo preço do custo ou o do mercado, conforme o que fôr mais baixo — em todas as ocasiões no caso de sociedades anonimas. No caso de sociedades por quotas, onde os proprietarios podem perfeitamente compreender a necessidade de «vêr para longe», tambem aconselharia o emprego do processo 3, excepto nos casos em que o preço do mercado fôsse mais alto que o de custo; poderia então adoptar-se com segurança o processo 5, que com certeza conduz a uma exactidão maior.

Sou etc.

J. N. Rosa

Funchal, 26 de Março de 1926.

... Sr. Director da *Revista de Comercio e Contabilidade*,
Lisboa.

Apresenta V. cinco criterios para a avaliação das mercadorias no Inventario e faculta aos seus leitores a emissão de opiniões sobre o assunto.

Acedendo gostosamente aos desejos manifestados, vou expôr succintamente a minha maneira de vêr.

Dos criterios expostos, adopto e acho preferivel o n.º 3, apesar das desvantagens que V. indica, e que na realidade tem.

Julgo que estas desvantagens podem ser suprimidas desde que o Guarda-Livros apresente ao Comerciante, no acto de entrega do Balanço, um «mapa» feito de conformidade com o criterio n.º 5, ficando assim o «comerciante cauteloso garantido contra qualquer surpresa» (criterio n.º 3) e «conhecendo dados certos e a sua situação verdadeira» (criterio n.º 5).

Acha V. preferivel o criterio n.º 5, verificando que a unica desvantagem é a de dar dois preços ás existencias, e portanto mais trabalho.

Encarado êste criterio pelo lado de o preço do mercado ser superior ao do custo, julgo realmente ser êste o criterio mais interessante, substituindo contudo a rubrica «Resultados a Liquidar» pela de «Fundo de Reserva Variavel».

Suponhamos porê m que o preço do custo é muito superior ao do mercado — mesmo muito superior.

Exemplo:

Um comerciante comprou 5000^m de pano a 2\$00 (dois escudos) o metro, e vendeu a immediato pagamento pano no valor de 9.000\$00, ficando ainda com 2000^m de pano. (Preço do mercado, \$20 — vinte centavos).

BALANÇO

Caixa — Saldo existente.	9.000\$00	Capital — s/ entrada.....	10.000\$00
Fazendas—2000 ^m de pano		Lucros e Perdas	3.000\$00
a \$20	400\$00		
Resultados a liquidar...	3.600\$00		
	<u>13.000\$00</u>		<u>13.000\$00</u>

Era assim (como acima) que V. apresentava o Balanço? E, sendo assim, será interessante apresentar um Balanço com 3.000\$00 de Lucro e 3.600\$00 de Resultados a Liquidar a debito? No caso de dissolução imediata da Sociedade e vendidas as existencias ao preço do mercado (\$20), havia um prejuizo de 600\$00 — não é verdade?

Emfim, o assunto é de grande amplitude, e será difficil chegar-se a acôrdo. Sou, etc.

C. J. Guerra

Os homens dividem-se, na vida prática, em trez categorias — os que nasceram para mandar, os que nasceram para obedecer, e os que não nasceram nem para uma coisa nem para outra. Estes ultimos julgam sempre que nasceram para mandar; julgam-no mesmo mais frequentemente que os que efectivamente nasceram para o mando.

O caracteristico principal do homem que nasceu para mandar é que sabe mandar em si mesmo. O caracteristico distinctivo do homem que nasceu para obedecer é que sabe mandar só nos outros, sabendo obedecer tambem. O homem que não nasceu nem para uma coisa nem para outra distingue-se por saber mandar nos outros mas não saber obedecer.

O homem que nasceu para mandar é o homem que impõe deveres a si mesmo. O homem que nasceu para obedecer é incapaz de se impôr deveres, mas é capaz de executar os deveres que lhe são impostos (seja por superiores, seja por formulas sociais), e de transmitir aos outros a sua obediencia; manda, não porque mande, mas porque é um transmissor de obediencia. O homem que não nasceu para mandar nem para obedecer sabe só mandar, mas, como nem manda por indole nem por transmissão de obediencia, só é obedecido por qualquer circumstancia externa — o cargo que exerce, a posição social que ocupa, a fortuna que tem...

Chamamos para estas singelas considerações psicologicas a atenção dos leitores. Devidamente compreendidas, elas elucidar-lhes-hão muitas coisas, e muita gente...

O ARQUIVO DE CORRESPONDENCIA

A ORGANIZAÇÃO dos arquivos, e principalmente do arquivo de correspondencia entrada e saída — que é o principal — é um dos pontos mais importantes da organização interna de qualquer escritorio, seja industrial ou comercial.

Esta organização especial divide-se em trez partes: o arquivo de correspondencia entrada, o arquivo de correspondencia saída, e o arquivo de referencia a estas duas. Esta divisão não quer dizer que haja necessariamente arquivos materialmente diferentes para a correspondencia entrada e saída: quer dizer apenas que a correspondencia entrada e a correspondencia saída são dois aspectos a tratar separadamente, ainda que as cartas de uma e as copias das cartas da outra se reunam sob as capas da mesma pasta ou do mesmo *dossier*.

Passamos a indicar os processos mais efficientes de arquivar e coordenar a correspondencia entrada, a correspondencia saída, e a referencia a ambas. Muito contribui para a facilidade de trabalho de um escritorio o ter uma boa organização, de facil consulta, da sua correspondencia.

Comecemos por o que é fundamental. A correspondencia, entrada e saída, tem que ser consultavel por qualquer de trez maneiras — por ordem cronológica, por firmas, e por assuntos. E, como é de vêr, a consulta, de qualquer das trez maneiras, tem que ser o mais facil e o mais perfeita possivel.

Posto isto, e tendo isto sempre presente, entramos, orientadamente, no assunto.

Toda a correspondencia, que entra num escritorio, deve ser registrada, para fins cronológicos, num livro destinado para êsse fim. Nêsse livro, e na

própria carta (ou postal), devem ficar registrados, não só a data de entrada, mas também dois números de entrada—um, por assim dizer, absoluto; outro, por assim dizer, relativo. O primeiro número é um número de ordem da carta a dentro de toda a correspondência; assim as cartas entradas numa ocasião são registradas com números seguidos, em seguimento das cartas imediatamente anteriores, sendo, é claro, indiferente quais as cartas que tomam precedência de outras quando entram na mesma ocasião. O segundo número é um número de ordem da carta a dentro da correspondência da casa que a escreveu. Um exemplo: determinada carta terá a data de recepção 13 de Abril de 1926, e os números 17565/122; quer dizer que esta carta é a 17565.^a recebida pelo escritório, e a 122.^a recebida da casa que a escreveu.

O primeiro número tem, em geral, apenas a conveniência de dar á carta um sinal distintivo; e, de todos os sinais distintivos, é o sinal numérico o mais simples. O segundo número tem um fim mais evidentemente prático: numeradas na devida ordem as cartas de uma firma, é fácil, retirada qualquer delas do arquivo, ou tendo esquecido ali pô-la, verificar a sua falta, pois é sempre fácil verificar um salto de número.

É este, como é de vêr, o sistema mais perfeito de registro imediato, e fiscalização futura, da correspondência entrada. Num escritório, porém, que receba todos os dias uma correspondência numerosíssima, e em que urgências de expediente obriguem a prestar a essa correspondência uma atenção imediata, pode parecer que a relativa morosidade deste registro, por depressa que seja feito, constitui um impedimento do trabalho. Não há obstáculo real. É tudo uma questão de ordem, de disciplina, e de adaptação ás circunstâncias, que variam de escritório para escritório. Se o escritório tem secções, e a correspondência se pode dividir nitidamente por elas, o registro de entradas pode comportar a mesma secção, e, dada a cada secção uma letra, a inscrição das cartas entradas pode obedecer a uma numeração seccional, sem prejuízo da numeração da carta a dentro da firma que a escreve. Assim a carta, em vez de ser numerada 17565/122, como no exemplo dado, será numerada B. 3452/122, sendo B a secção e 3452 o número de ordem da carta a dentro da correspondência entrada nessa secção. Se o escritório tem muita correspondência, mas não comporta divisão em secções, só haverá morosidade no registro de entradas se esse registro for feito directamente num livro, e portanto por um só empregado. Se, porém, a numeração «absoluta» for feita por numerador mecânico — o que permite a um só empregado «despachar» rapidamente uma grande quantidade de cartas —, e o apontamento das firmas remetentes feito em seguida, em papeis soltos, e com a nota desse

numero, por diversos empregados, pode, executado esse trabalho, um empregado passar socegradamente ao livro de entradas o resultado dêle, sem em nada estorvar a atenção urgente que tenha que dar-se ás cartas, pois já as não terá em seu poder. Faltarão a aposição, nas cartas, do numero a que chamamos «relativo»; mas esse, que o empregado póde verificar no livro de entradas, pelo exame de entradas anteriores, lança-o êle depois nas proprias cartas, que, como será êle o encarregado de arquivo, lhe voltarão ás mãos no decurso do dia para que as insira, ou faça inserir, nas respectivas pastas ou dossiers. Que, em materia de organização, todos devem compenetrar se de um principio: nada é difficil nem complexo desde que haja método e ordem.

O livro de entrada de correspondencia, a que temos estado aludindo, tem uma primeira coluna onde se insere a data da entrada da carta; uma segunda coluna onde se insere o numero «absoluto» que recebe; uma terceira onde vai o seu numero «relativo»; uma quarta que é para o nome da firma; e uma quinta, onde se registra a data da resposta (e/ ou o numero déla, se as cartas expedidas tambem são numeradas) ou a indicação de que não teve resposta, porque não tinha que tê-la. Esta ultima coluna tem a vantagem de que por ela, reparando nos espaços que estão em branco, imediatamente se verifica que cartas são aquelas a que falta responder.

Ha só um elemento do livro de entrada de correspondencia que exige uma certa atenção, para que lapsos se não dêem: é a numeração a que chamamos «relativa». E' facil dar a uma carta, por engano, o mesmo numero que o da carta anterior da mesma firma: basta que, ao procurar para traz, no livro de entradas, o nome da firma, se salte a ultima inserção. Mas contra isto ha um remedio antecipado, que é muito simples. Ao dar entrada á carta de uma firma, sublinha-se, ou marca-se de qualquer outra maneira clara, o numero da carta anterior; feito isto, nunca haverá duvidas sobre qual é o numero da carta imediatamente anterior de uma firma — é aquêle que ainda não está sublinhado, ou marcado da maneira que se escolheu.

O genero de êrro, a que acabamos de aludir, dar-se-hia com firmas com quem houvesse correspondencia freqüente, ou quasi freqüente. Mas com firmas, com quem não tivesse havido quasi correspondencia nenhuma, o mesmo êrro se poderia dar, por uma razão oposta. Sendo difficil descobrir, por estar distante, uma carta anterior, ou a carta imediatamente anterior, da firma, é facil cair-se no êrro de supôr que a carta entrada é a primeira carta que déla se recebe. Mas contra isto, tambem, há um remedio antecipado, e seguro. Todos os mezes, e no fim de cada mez, se deve passar para o arquivo de fichas ou cartões a nota da correspondencia entrada (como, aliás, tambem

da saída). Essa nota será, sem dúvida, apenas uma inscrição numerica nas fichas ou cartões das firmas com quem, ou de quem, existe já correspondencia. Para firmas que escrevam pela primeira vez será a abertura de ficha. Se isto se fizer, o encarregado do livro de entradas terá apenas, perante uma carta de firma que extranhe, que procurá-la, primeiro, entre as entradas do mez, e depois, caso ali a não houvesse encontrado, nas fichas do arquivo. Assim verificará, com facilidade e rapidez, que numero «relativo» deve dar á carta que entrou.

É evidente, porém, que o livro de registro de correspondencia entrada pode, pela inserção de mais duas colunas, tornar-se absolutamente seguro de consulta, qualquer que seja o fim com que se queira consultá-lo. As duas colunas referidas ficam entre a terceira (que é a do numero «relativo» da carta) e a quarta, (que é a do nome da firma). A primeira destas novas colunas registra o numero «absoluto» da carta imediatamente anterior da firma; a segunda registra o numero «absoluto» da carta imediatamente ulterior. É um genero de registro absolutamente análogo ao que vulgarmente se faz nos copiadores para a correspondencia expedida e nêles copiada; ali se costuma escrever em cada página o numero da pagina onde está a carta anterior da firma, e o numero da pagina onde está a carta seguinte.

Com o livro de entrada de correspondencia assim completamente registrado, e o sistema de fixas organizado como se disse, o registro de correspondencia entrada fica facil e imediatamente consultavel para todos os fins que se imaginem.

A correspondencia, uma vez entrada, fica logo em uma de trez categorias: correspondencia que não tem resposta, correspondencia a responder no proprio dia, correspondencia a responder mais tarde. Sobre o destino imediato da primeira e da segunda ninguem tem dúvidas nem hesitações: a primeira segue logo para o arquivo; a segunda segue para o arquivo pouco depois, feita que esteja a resposta — no fim do dia, ou na manhã seguinte, o mais tardar. É sobre o destino imediato da correspondencia que aguarda resposta que se estabelece divergencia. Uns são de opinião que essa correspondencia se archive imediatamente, como a outra, e se aponte de qualquer modo que há que responder-lhe. Outros são de parecer que essa correspondencia se retenha, separada do arquivo, em pasta propria, até que a resposta se efectue.

Os argumentos em favor dos dois criterios dir-se-hia que se equilibram;

a nosso vêr, porém, a balança prática pende para o segundo, que é, aliás, o mais seguido, embora sem método. Arquivada a carta que tem resposta, embora não imediata, a necessidade de responder-lhe é lembrada, ou pelo livro de entradas (e da maneira a que já nos referimos), ou por apontamento especial. O livro de entradas, porém, deve estar em poder do encarregado do arquivo, que não é, em geral, quem responde ás cartas; a sua função, neste respeito, só poderá naturalmente ser, por assim dizer, fiscal. E quer o livro de entradas, quer um apontamento especial, são inferiores á propria carta tanto como elementos de lembrança, como porque a propria carta não só *se lembra* mas é, detalhadamente, aquilo a que há que responder.

Parece-nos, pois, realmente preferivel o sistema vulgar de retêr fóra do arquivo a correspondencia que espera resposta. O que nos não parece preferivel é o sistema — que, aliás, não é nenhum — que se adopta para essa retenção em grande numero de escritorios. Consiste êle em se guardarem essas cartas, sem ordem nem método, e em geral soltas, numa pasta de *Assuntos Pendentes*, ou coisa que o valha. Este processo peca radicalmente contra dois dos principios fundamentais da disciplina dos trabalhos de escritorio — (1) não haver papeis soltos, (2) pôr por ordem tudo que possa ser posto por ordem. O problema é dos mais simples de resolver: (1) em vez de numa pasta, onde estejam soltas, as cartas ficam numa pasta onde estejam presas; (2) em vez de estarem dispostas ao acaso nessa pasta, estão por ordem alfabética, ou — o que também é ordem, mas pior — por ordem cronológica.

Estas considerações fecham o assunto «correspondencia entrada». Nem será preciso, porcerto, lembrar que a carta recebida, ao entrar no arquivo, deve trazer indicada a data em que se lhe respondeu, ou o facto de que não tinha resposta.

(Continúa)

Há trez tipos de energia — a do trabalhador, a do homem activo e a do organisador.

O trabalhador exerce regularmente um mistér ou um cargo segundo as normas dêsse mesmo cargo ou mistér. Corre numa calha indefinidamente e com grande utilidade social.

O homem activo nunca tem mistér proprio; a simples actividade é indisciplinada por natureza. Exerce êle sempre um cargo ocasional e temporario, uma especie de molde em que vasa um momento a sua energia constante. Esse momento pode durar toda a vida: esse molde pode nunca quebrar-se.

O organisador trabalha pouco: faz só calhas e moldes.

CURSO PRÁTICO DE ESCRITURAÇÃO COMERCAIL

II

Os dois grupos de termos sinonimos e opositivos que constituem a conta (pag. 96) teem significações especiais em Contabilidade, pelo que passamos a definir cada um d'esses termos, para maior facilidade de compreensão do seu sentido e applicação.

Entrada, Saída. — Estes termos empregam-se para registrar o movimento de entrada e saída de cousas, como mercadorias, fazendas, materias primas, productos naturais ou manufacturados ...

Deve, Haver. — Aplicam-se especialmente ás contas pessoais, em que *Deve* significa a pessoa que recebe doutra, e *Haver* aquella que entrega a outra, donde o principio (2), já citado :

Quem recebe — Deve ;

Quem entrega — tem a Haver.

Outro principio se tira, relativo ás relações que as contas teem entre si :

(3) *A conta que recebe Deve á conta que entrega.*

Debito, Credito ; Debitar, Creditar. — Teem estes termos a mesma significação que as palavras Deve e Haver, pelo que, completando o principio (2), se estabelece o seguinte :

(4) *Quem recebe — Deve — é Debitado ou é lhe lançado a a Debito ;*

Quem entrega — tem a Haver — é Creditado ou é lhe lançado a Credito.

Receita, Despeza. — Estes termos são equivalentes respectivamente a Entrada e Saída e empregam-se para designar movimento de numerario.

A conta constituida assim pelos seus dois termos, quaisquer que sejam as denominações que tenham, representa o movimento das operações realisadas, e a sua situação é dada pelo saldo.

O *Saldo* de uma conta é a diferença entre os dois termos — do debito e do credito.

Quando o total do Deve é superior ao total do Haver, diz-se que a conta apresenta um *Saldo Devedor*, ou simplesmente que a conta é *devedora*.

No caso inverso, a conta tem *Saldo Credor* ou é *crédora*.

A conta que tem o total do debito igual ao total do credito diz-se que está *saldada*.

Finalmente, os termos *Activo* e *Passivo* applicam-se ao balanço, em que o primeiro constitue o conjunto de valores representados pelos saldos devedores expressos em moeda, e o segundo o dos saldos credores.

Para a apresentação das contas por debito e credito, adoptam-se diferentes colunas, que, conforme a sua disposição, se denominam *isoladas* e *por saldos*.

Denominam-se *isoladas* quando o debito é separado do credito, ao que, dando-se em paginas diferentes, se chama *isolamento completo*; e, figurando na mesma pagina, com colunas comuns para a data e descripção, *isolamento incompleto*.

A conta de colunas com isolamento completo tem a seguinte disposição:



CARLOS GOMES

DEVE

HAVER

DEVE				HAVER			
1926				1926			
Março	2	m/factura	2 350 00	Março	30	s/ pagamento	2 350 00

A conta de colunas com isolamento incompleto tem a seguinte:

CARLOS GOMES

Data			DEVE	HAVER
1926				
Março	2	m/ factura	2 350 00	
	30	s/ pagamento		2 350 00

As contas de colunas *por saldos* são as que tem colunas comuns para debito e credito, data e descrição, e uma outra coluna para designar pelas iniciais *D* e *C* se as transações e os saldos são a debito ou a credito.

Estas contas tem a seguinte disposição:

CARLOS GOMES

Data		Movimento	(a)	Importancia
1926				
Março	2	m/ factura	D.	2.350\$00
	30	s/ pagamento	C.	2.300\$00
		Saldo	D.	50\$00

(a) coluna para as iniciais *D* ou *C*.

(Continúa)

A tendencia moderna para a organização e coordenação, quanto possível perfeita, dos serviços de escritorio, de modo a torná-los mais simples e mais rapidos, deu em resultado a invenção, constantemente crescente, de sistemas, processos, moveis e aparelhos diversa e diferentemente conducentes a esse fim. Alguns desses processos, desses moveis e dessas maquinas são muito engenhosos; quasi todos são uteis ou aproveitaveis. Mas o emprego deles, sejam quais forem, deve obedecer sempre a um criterio superior. Um sistema não é uma cabeça; um movel não é gente. Todos os processos e todos os aparelhos resultarão elementos inuteis de organização se as cabeças dos individuos que os empregam não estiverem organisadas tambem. E essas cabeças estarão organisadas se estiver organisada devidamente a mesma parte do corpo do chefe que os dirige. Assim como se podem escrever asneiras com uma maquina de escrever do ultimo modelo, se podem fazer disparates com os sistemas e aparelhos mais perfeitos para ajudar a não fazê-los. Sistemas, processos, moveis, maquinas, aparelhos são — como todas as coisas mecanicas e materiais — elementos puramente auxiliares. O verdadeiro processo é pensar; a maquina fundamental é a intelligencia.

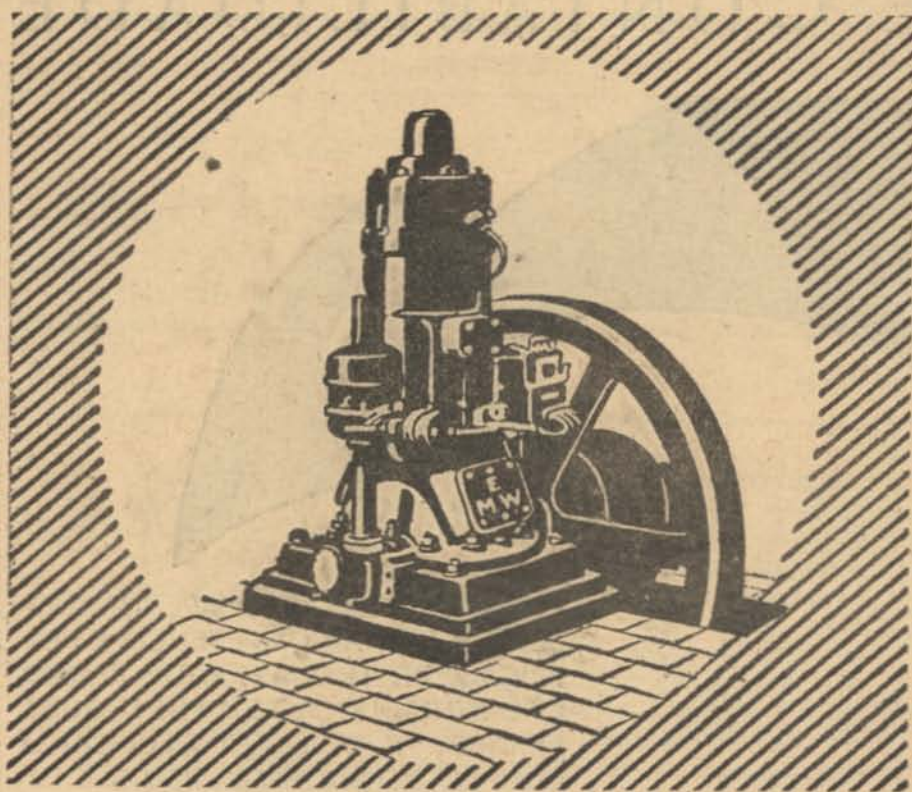
A
REVISTA DE COMERCIO
E CONTABILIDADE



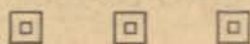
ENCARREGA-SE, DESEMPENHANDO-SE COM PLENA COMPETENCIA E PERFEIÇÃO, DE TRABALHOS DE REDACÇÃO E TRADUCCÃO EM PORTUGUEZ, FRANCEZ E INGLEZ, INCLUINDO A CONFECÇÃO DE PROSPECTOS E IMPRESSOS PUBLICITARIOS, E A EXECUÇÃO DE CORRESPONDENCIA COMERCIAL; DE ORIENTAR E ACONSELHAR EM MATERIA DE PUBLICIDADE; E DE TODA A ESPECIE DE ESCRITURAÇÃO COMERCIAL, INDUSTRIAL E AGRICOLA — ABERTURAS, SEGUIMENTOS E FECHOS DE ESCRITAS, EXAMES E VERIFICAÇÕES

TOSCANO & C.^A L.^{DA}

MOTORES ELLVE



MAQUINAS — MOTORES — AUTOMOVEIS
TRACTORES — BOMBAS — ELECTRICIDADE



RUA DE S. PAULO, 117 — LISBOA